

# Enunciação e leituras perceptiva e conceptiva

João Hilton Sayeg de Siqueira

PUCSP



## Introdução

Para uma abordagem mais esclarecedora do tratamento dado aos procedimentos de leitura, deve-se recorrer a sua origem etimológica, pois ela propicia reflexões sobre os vários enfoques adotados, decorrentes de vertentes teóricas diferenciadas que vêm povoando propostas nas mais diferentes instâncias de investigação e de elaboração de material didático sobre a matéria em questão.

Ler é uma palavra que se origina do verbo latino *legere* que, antes de assumir essa acepção, tão largamente difundida hoje, tinha como significados: escolher, eleger, colher, reunir, seguir, percorrer; que não deixam de refletir o itinerário que se faz no momento em que se interage com o texto para o estabelecimento de estratégias que tecem um percurso de leitura. (CARDOSO-SILVA, 2006)

Tanto quanto essa gama variada de acepções, o estudo de procedimentos de leitura já esteve sob diferentes ópticas: da ortoépia, da oratória, da decodificação, da cognição, da pragmática lingüística, da lingüística textual, do discurso. Sempre em busca de se entender como se dá a interação leitor-texto, seja pelo exercício de pronúncia, pelos ritmo e entonação empregados, pela busca de significados aos vocábulos, pelas formas de entendimento das seqüências textuais, pelas estratégias de inserção do leitor no texto, pela expansão temática, pelos efeitos de sentido que são construídos.

Não são focos que se excluem, pois trabalham dimensões diferentes no estabelecimento de percursos de leitura que se integram a partir de dois movimentos de interação leitor-texto, um ascendente e outro descendente. O ascendente é aquele que parte do texto para o leitor e o descendente, o inverso.

O leitor explora a linearidade seqüencial do código verbal escrito que articula o texto e, assim, identifica letras, sílabas, radicais, desinências, palavras, frases, períodos, conectivos. A leitura não está sendo considerada como uma atividade silabada, foram destacados, simplesmente, os elementos que compõem e organizam a atualização lingüística, como recursos para a construção de um itinerário de leitura. Tem-se o movimento ascendente de leitura: do texto para o leitor; um processo de interpretação, em que se explora a potencialidade lingüística do texto em busca de processos de significação. Nesse estágio recorre-se à ortoépia, à oratória, à decodificação.

Esse primeiro movimento de leitura vai acionando a memória semântica do leitor, em busca dos conhecimentos prévios armazenados que ele tem sobre o assunto abordado. A seleção desses dados possibilita a ele organizar uma memória temporária de trabalho por meio da qual opera com as relações estabelecidas entre a informação que o texto traz e os conhecimentos estocados. Essa interação entre o já sabido e o novo provoca alterações em ambos, que sofrem um processo constante e contínuo de alterações, de forma que, ao final da leitura, leitor e texto estão transformados. Tem-se o primeiro passo do movimento descendente: do leitor para o texto; a partir de operações cognitivas.

O leitor estabelece pontos para sua inserção no texto que, indiferentemente, pode ser no início, no meio ou no fim. São estágios do percurso de exploração do texto em que, na identificação mais segura encontrada, o leitor ancora sua leitura. Tem-se aqui o estabelecimento de estratégias que caracterizam a interação pragmática que também está inserida no movimento descendente.

Por meio da situação cognitiva e pragmática do leitor no texto, efeitos de sentido começam a ser construídos. Parte-se da linearidade seqüencial de manifestação do código verbal e, aos poucos, estabelecem-se relações alineares que imbricam partes constitutivas do texto com diferentes dimensões e em diferentes momentos. É um processo de deslinearização em busca dos sentidos mais profundos e mais complexos.

Construir efeitos de sentido significa elaborar o discurso que, naquele momento e naquele lugar, lê o texto. O discurso produz e lê o texto, uma vez que, etimologicamente, o texto é o tecido lingüístico do discurso. (QUINTILIANO, 1975, livro IX) O estabelecimento do discurso decorre das operações cognitivas e das estratégias pragmáticas utilizadas. Portanto, está-se, ainda, operando num movimento descendente que, neste ponto, propicia a elaboração de uma base semântica para o texto, sob a forma de um conceito

que, para o leitor específico, sintetiza o texto e passa a valer por ele. Esse é o estágio mais profundo de interação com o texto, que é o da compreensão: *comprehendere* – *prehendere* = assenhorar-se, tomar posse – é o estágio em que o leitor se assenhora do texto (CARDOSO-SILVA, 2006).

A leitura, bidirecionada em movimentos ascendente e descendente, explora os índices de organização superficial e linear do texto, construindo sentidos literais; ou perscruta o interior de cada palavra, de cada expressão, indo em busca do não-dito, mas inferível, estabelecendo sentidos inferenciais. Pela identificação apenas das marcas textuais do que está dito, faz-se uma leitura perceptiva do texto e, pela exploração das possibilidades do que está no interdito, uma leitura conceptiva.

Entende-se aqui percepção como uma tomada de conhecimento sensorial de objetos e fatos e concepção como produção ou criação intelectual, para a qual concorre uma série de fatores, dentre eles uma determinação histórica, ideologicamente estabelecida e uma dimensão imaginária, miticamente constituída. Dessa forma, a leitura não se limita a uma percepção objetiva de decodificar signos, mas ganha amplitude ao ser investida de concepções subjetivas relacionadas à dinâmica de integração dos universos de conhecimento que estão sendo imbricados. A leitura é esse movimento de expansão, redimensionado, agora, numa configuração intertextual.

A intertextualidade pode ser vista como manifesta ou constitutiva. No primeiro caso, há uma recorrência explícita a um outro texto; no segundo, o texto, em sua constituição organizacional ou temática, apóia-se, implicitamente, em “configurações de convenções discursivas” já existentes (FAIRCLOUGH, 2001). A identificação da intertextualidade manifesta se dá por um movimento ascendente, ou seja, por uma percepção objetiva; a da constitutiva, por um movimento descendente, por uma concepção subjetiva – se o leitor não tiver uma penetração inferencial no texto, não chega a ela.

O objetivo que norteia este trabalho é estabelecer percursos de leitura que explorem a dimensão perceptiva e conceptiva do leitor na produção de sentidos literais e inferenciais.

## **Dimensões perceptiva e conceptiva na leitura**

Para o estabelecimento de um modelo de análise que possibilite a exploração de percursos de leitura nas dimensões propostas e tomando-se por base o texto-objeto de estudo, o ponto de partida serão postulados da Teoria da Enunciação, que refletem sobre as

formas de construção do sujeito e sobre as funções dos tempos verbais no enunciado.

Benveniste (1976) propõe, para o estudo da subjetividade na língua, dois planos de enunciação: a história e o discurso; distintos a partir dos sistemas pronominal e verbo-temporal. A história se caracteriza pelo uso dos pronomes da “não-pessoa” (3<sup>a</sup>) e do verbo marcado pelo tempo pretérito; o discurso, pelo uso dos pronomes de “pessoa” (1<sup>a</sup> e 2<sup>a</sup>) – por meio do estabelecimento de uma tensão intersubjetiva, uma vez que o eu (1<sup>a</sup>) e o tu (2<sup>a</sup>) estão instaurados espaço-temporalmente num aqui-agora, registrado enunciativamente pelo verbo no tempo presente.

Associada as essas noções, está a distinção estabelecida por Weinrich (1968), para o estudo das funções dos tempos verbais, entre dois tipos de atitudes comunicativas: o “mundo narrado” e o “mundo comentado”. No primeiro, o locutor se distancia do seu discurso, não se compromete com o que diz, relata fatos, numa atitude distensa (relaxada) – os tempos verbais usados têm a marca do pretérito; no segundo, o locutor compromete-se e responsabiliza-se por aquilo que diz, criando uma tensão entre os interlocutores que estão diretamente envolvidos no discurso – os tempos verbais usados têm a marca do presente.

Podemos observar que relações são possíveis entre as observações feitas por Benveniste e as feitas por Weinrich: história com “mundo narrado” e discurso com “mundo comentado”. Assim, procederemos em nossa análise do poema de Manuel Bandeira, associando os postulados dos dois autores em questão, organizados por dimensões perceptiva e conceptiva de leitura.

#### PALINÓDIA

Quem te chamara prima  
Arruinaria em mim o conceito  
De teogonias velhíssimas  
Todavia vicerais

Naquele inverno  
Tomaste banhos de mar  
Visitaste as igrejas  
(Como se temesses morrer sem conhecê-las todas)  
Tiraste retratos enormes  
Telefonavas telefonavas

Hoje em verdade te digo  
Que não és prima só  
Senão prima de prima  
Prima-dona de prima  
– Primeva

## 1 Percepção objetiva

### 1.1 Quanto à constituição do sujeito

1ª estrofe – O sujeito da enunciação manifesta o sujeito do enunciado pela “não-pessoa”, por meio do pronome indefinido **Quem**, distanciando-se do seu discurso, não se comprometendo com o que diz e assumindo uma atitude distensa. Embora haja o envolvimento do **tu**, não é criada com ele uma tensão intersubjetiva, pela não presença do **eu** como sujeito.

2ª estrofe – O sujeito da enunciação continua a não se manifestar como sujeito do enunciado, colocando o **tu** como tal e relatando fatos sobre ele. Permanece o distanciamento, o não comprometimento e a atitude distensa.

3ª estrofe – O sujeito da enunciação se manifesta como sujeito do enunciado, compromete-se com o que diz, cria uma tensão intersubjetiva, pela manifestação dos dois pronomes da “pessoa”, procurando, de alguma forma, influenciar o **tu**.

### 1.2 Quanto aos tempos verbais

1ª estrofe – Os verbos aparecem com a marca do pretérito.

2ª estrofe – Os verbos aparecem com a marca do pretérito.

3ª estrofe – Os verbos aparecem com a marca do presente.

Pelas características detectadas quanto à constituição do sujeito e quanto aos tempos verbais empregados, podemos dizer que as duas primeiras estrofes situam-se no plano da história, no dizer de Benveniste, e pertencem ao “mundo narrado”, segundo Weinrich; e a terceira estrofe situa-se no plano do discurso e pertence ao “mundo comentado”.

## 2 Concepção subjetiva

O sujeito da enunciação, inicialmente, manifesta seu enunciado no passado, não se inserindo nos fatos relatados, a fim de criar um distanciamento e lançar sobre eles um olhar analítico, o que lhe possibilita uma revisão e uma reelaboração do dito.

Palinódia significa um poema que desdiz aquilo que foi dito em outro, uma retratação (Cf. Aurélio). É a reelaboração, no presente, do passado, por meio do poema em que o sujeito da enunciação se retrata.

Numa situação anterior, a mulher amada era simplesmente prima – pessoa do sexo feminino em relação aos filhos de tios e tias (Cf. Aurélio); hoje ela não é prima só, mas prima de prima – a

primeira das primas, a prima dona de prima – a que representa o papel principal entre todas as primas e entre todas as primeiras, a **Primeva** (primitiva, primeira), a que sempre foi, desde os primórdios, a única. Este termo é adjetivo, ao ser derivado para substantivo, leva consigo toda a carga avaliativa original, ou seja, os atributos, as qualidades de que é investida a mulher amada.

Considerado como uma retratação, manifestada pelo desdizer, o poema traz, desde o início, a presença do **eu**, no enunciado, camuflado pelo pronome indefinido **Quem** – não havia entre o **eu** e o **tu** uma tensão intersubjetiva de amor – o **eu** do passado não é o **eu** de agora. Existiam, fortemente marcados, os valores religiosos e morais que impediam a assunção do sentimento amoroso, numa relação de intertextualidade constitutiva.

Hoje, no *aqui/agora*, o **eu** se retrata, revela o seu amor, sem culpa, sem medos, haja vista a citação bíblica incorporada a seu discurso. Hoje, **em verdade te digo** – que o redime e o liberta – marcado por uma intertextualidade manifesta.

## Conclusão

Convém, inicialmente, alertar que as concepções subjetivas inferidas a partir do texto precisam ser por ele autorizadas, isto é, com base nele, a partir dele e não a pretexto dele, porque aí pode-se enveredar para os delírios que muitas vezes são presenciados. A manutenção de vínculos constantes ao texto faz com que as diferentes leituras apresentem pontos comuns, a despeito da diversidade de sentidos, principalmente inferenciais, construídos. Todo resultado de atividade de leitura apresenta pontos consensuais, objetivos, e aspectos subjetivos.

A dimensão objetiva decorre da marcação lingüística que atualiza em texto o jogo enunciativo; a subjetiva, dos pressupostos e dos subentendidos indicados, possíveis de serem resgatados e revelados. Assim, instauram-se os movimentos de leitura, ascendente e descendente, respectivamente, por meio das percepções objetivas e das concepções subjetivas que tem o leitor em sua interação com o texto.

## Referências

- BANDEIRA, M. *Estrela da vida inteira*. 15. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1988.
- BENVENISTE, E. *Problemas de lingüística geral*. São Paulo: Nacional; Edusp, 1976.
- CARDOSO-SILVA, E. *Prática de leitura: sentido e intertextualidade*. São Paulo, Humanitas, 2006.
- FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: UnB, 2001.

FERREIRA, Aurélio. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [19??].

ORLANDI, E. *Discurso e leitura*. São Paulo, Cortez, 1988.

QUINTILIANO. *Institution oratoire*. Les Belles-Letres, 1975.

SAYEG-SIQUEIRA, J. Leitura: percepção objetiva e concepção subjetiva. In: *Pluralis: multitemática*. Amparo, FIA, v. 1, n. 1, p. 9-16, 2003.

\_\_\_\_\_. Leitura e ensino: percepção objetiva e concepção subjetiva. In: *Momentum – Revista Tecno-Científica das Faculdades Atibaia, Atibaia: FAAT*, ano 4, v. 4, 2006.

WEINRICH, H. *Estructura Y función de los tempos em el language*. Madrid, Gredos, 1968.